



GT 51. Historiografia das antropologias: práticas, teorias, métodos, histórias

Coordenador(es):

Peter Schröder (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Christiano Key Tambascia (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antropologia vem experimentando nas últimas décadas uma renovação do interesse pela sua história. No âmbito dessa retomada, livros, artigos e painéis em congressos vêm discutindo essa disciplina do Renascimento em diante, se confrontando com questões como a formação e instituição da etnografia e da antropologia, as bases filosóficas de suas epistemologias, a constituição de tradições nacionais e genealogias alternativas às narrativas mainstream, bem como com práticas de campo, métodos e teorias, além da relação entre o fazer etnográfico e as relações de poder. Unem-se, à historiografia da antropologia praticada por pensadores bem estabelecidos em universidades, aquelas acerca de profissionais com vínculos institucionais frágeis, intermitentes ou inexistentes, naturalistas, missionários e etnógrafos amadores. Museus e sociedades científicas vêm tendo sua atuação repensadas; além de interpretações e pesquisas bibliográficas, arquivos e memórias são sujeitos a novas análises. O GT busca contribuir para a historiografia das antropologias praticadas no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e ainda reflexões sobre métodos em historiografia das antropologias.

Antropologia, fotografia e autoria: o caso de Berta Gleizer

Autoria: Fernanda Zepka da Costa Moreira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Tendo como pano de fundo uma pesquisa mais ampla sobre a relação entre Antropologia e Fotografia no Brasil que objetiva a sistematização histórica da produção de fotografias etnográficas entre 1840 e 1970, este work decorre da observação da ausência de referências a antropólogas e fotógrafas neste período. Muito embora seja reconhecida a presença de mulheres em campo em diferentes momentos da produção fotoetnográfica no país, constatamos um problema referente ao reconhecimento da autoria feminina, bem como uma dificuldade ao acesso às imagens produzidas pelas mulheres. Este work trata, portanto, da investigação da produção acadêmica e fotográfica da antropóloga, etnóloga e museóloga Berta Gleizer. A escolha desta pesquisadora surgiu ao constatarmos que, nos works de campo promovidos por Darcy Ribeiro, seu marido à época, a atividade fotográfica era bastante comum por parte dos dois, mas que ao buscarmos tais imagens, não encontramos quase nenhuma de autoria de Gleizer. Além disso, apesar da dificuldade de encontrarmos fotografias creditadas a ela, não é raro encontrarmos diferentes tipos de imagens de autorias diversas em seus livros, o que demonstra seu apreço pela linguagem visual. Dentre os objetivos gerais deste work, está a busca por imagens de sua autoria, a organização dessas imagens e a análise dos usos feitos delas em suas obras, a fim de contribuir para a organização histórica da produção fotográfica de caráter etnográfico no Brasil. Dentre os objetivos específicos, está discutir de que forma a condição de mulher e de esposa podem ter afetado o modo como sua produção era realizada e divulgada. Para isso fazemos um duplo movimento. Procuramos por fotografias creditadas a Berta Gleizer em diferentes acervos, como o Museu do Índio e a Fundação Darcy Ribeiro. Buscamos também por imagens presentes em alguns de seus livros disponíveis nas bibliotecas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em seguida, categorizamos e analisamos as imagens, a forma como essas fotografias foram capturadas e o modo como



elas foram usadas em suas pesquisas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: